

## ENTREVISTA

# WELLINGTON AMORIM: um olhar sobre a obra *Amor Líquido* de Zigmunt Bauman

*Bruna ALMEIDA*<sup>67</sup>

*Jeferson Saylor SOUSA*<sup>68</sup>

*Polyana AMORIM*<sup>69</sup>

*Virgínia DINIZ*<sup>70</sup>

**Resumo** - As tecnologias digitais enfraquecem as relações sociais? Essa é a pergunta que norteia uma das principais obras do autor polonês Zigmunt Bauman, nomeada *Amor Líquido* (2004). Com a consolidação da Internet, em especial das redes sociais digitais, as relações sociais, hoje, ganham novas interpretações. Assim, mostra-se importante discutir as consequências dessas formas de relacionamento, dos laços que hoje são construídos exclusivamente *online*. Para refletir sobre o pensamento do autor polonês, conversamos com o Prof. Dr. Wellington Amorim que nos ajuda a compreender o posicionamento de Bauman e seu lugar de fala.

**Palavras-chave:** Bauman; Amor Líquido; Relações Sociais;

---

<sup>67</sup> Especializanda pela Universidade Estácio de Sá- Rio de Janeiro; Bacharel em Comunicação Social/UFMA. Técnica do Laboratório de Rádio/UFMA. Membro integrante do Grupo de Pesquisa em Estratégias Audiovisual na Convergência - GPEAC. Email: [brunaalmeida87@gmail.com](mailto:brunaalmeida87@gmail.com)

<sup>68</sup> Aluno de Graduação do curso de Comunicação Social – Rádio e TV da Universidade Federal do Maranhão. Bolsista do Grupo de Pesquisa em Estratégias Audiovisual na Convergência - GPEAC E-mail: [saylonsousa.works@gmail.com](mailto:saylonsousa.works@gmail.com)

<sup>69</sup> Mestre pelo Programa Interdisciplinar Cultura e Sociedade/UFMA. Professora Adjunta do curso de Comunicação Social/IMEC. Membro do Grupo de Pesquisa em Estratégias Audiovisuais na Convergência – GPEAC. Email: [polyana.amorim@gmail.com](mailto:polyana.amorim@gmail.com)

<sup>70</sup> Mestranda em Comunicação Social/UFMA. Bacharel em Comunicação Social/UFMA. Membro dos grupos de Pesquisa em Estratégias Audiovisual na Convergência - GPEAC. Email: [virginiaradialista@gmail.com](mailto:virginiaradialista@gmail.com)

**Abstract** - Do digital technologies weaken social relationships? This is the question that drives one of the major works of polish author Zygmunt Bauman, named *Liquid Love* (2004). With the consolidation of the Internet, particularly digital social media, social relationships today gain new interpretations. Thus, it proves salutary to discuss the consequences of these types of relationships, the ties that are now built exclusively online. To reflect on the thoughts of Bauman, we had a conversation with Prof. Dr. Wellington Amorim that helps us understand the positioning of the polish author and his place of speech.

**Keywords:** Bauman; *Liquid Love*; Social Relationships;

As tecnologias digitais, em especial as chamadas redes sociais digitais<sup>71</sup>, têm suscitado uma série de estudos sobre seus impactos, influências e consequências nas relações sociais. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman trabalha na perspectiva do consumismo e dos efeitos da globalização nas relações sociais e tem uma série de livros publicados no Brasil, cuja obra de maior repercussão – em termos de vendas – foi o livro *Amor Líquido*. Lançado em 2004 pela Editora Zahar, o livro trata da fragilidade das relações sociais; sobre como a capacidade de amar do ser humano é afetada pela fluidez e efemeridade dos tempos modernos.

Para refletir sobre os principais conceitos lançados nessa obra, entrevistamos o Prof. Dr. Wellington Amorim, do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão. O professor é editor do periódico *Cadernos de Bauman* e faz uma reflexão sobre “Amor Líquido”, analisando os conceitos em contraponto a outros autores que também se debruçam sobre o tema das relações sociais, e, principalmente, nos dando embasamento teórico para refletir sobre as atuais formas de relações mediadas pelas tecnologias digitais.

**Prof. Wellington, percebemos que o tema da “liquidez” é uma constante nos livros do Bauman<sup>72</sup>. Na sua avaliação, por que Bauman insiste nesse adjetivo?**

---

<sup>71</sup> Adotamos a terminologia “redes sociais digitais” para designar, especificamente, as plataformas e aplicativos online que têm como mote a promoção de relacionamento entre seus usuários. Já que só a expressão “redes sociais” denomina qualquer tipo de relação que o sujeito estabeleça nos ambientes que integra.

<sup>72</sup> Além de *Amor Líquido*, Zygmunt Bauman lançou com o tema da liquidez os seguintes livros: *Modernidade Líquida* (2000), *Vida Líquida* (2005), *Tempos Líquidos* (2006), *Medo Líquido* (2006), *44 cartas do mundo líquido moderno* (2011).

**Wellington Amorim** - Bauman faz uma análise da civilização moderna desde – supostamente – o século XVIII, quando após a Revolução Francesa começa a se formar a noção de Estado-Nação, que ele chama de modernidade sólida. Então, assim como na Química nós aprendemos que o sólido se transforma em líquido, Bauman desenvolve a ideia de que a modernidade vem em um constante processo de degradação. E, então introduz esse termo de “líquido”. Basicamente influenciado por um texto de Marx onde afirma que “tudo o que era sólido se desmancha no ar” (...). Logo o termo liquidez quer constatar o fato de que as relações sociais, a política, a economia, passa por um processo de desmanche. Muitos o classificam [Zigmunt Bauman] como sociólogo, eu não o classifico assim, acredito nele como pensador, visto que a sua obra é interdisciplinar. Ele trabalha da Sociologia à Filosofia e faz melhor, uma coisa que a Filosofia abandonou há muito tempo: que é tratar filosoficamente, ou tratar as questões fundamentais do cotidiano das pessoas e não necessariamente questões metafísicas ou de fenômenos sociais.

**Outro conceito que chama a atenção no livro é a concepção de amor. O autor deixa a entender que o amor foi banalizado nos tempos atuais – “tempos líquidos” –, o romantismo mais tradicional do “até que a morte nos separe” foi extinto e qualquer forma de relacionamento, por mais supérflua que seja, atribui-se a alcunha de amor. O que você pensa sobre isso?**

**W.A.** - Primeiro temos que contextualizar Bauman. Ele é um autor que, em minha opinião, é extremamente pessimista em relação ao processo moderno. Isso é uma parte da história. Você pode considerar a modernidade da maneira pessimista ou otimista. Bauman tem uma posição pessimista, Michel Maffesoli (professor da Sorbonne) tem uma visão otimista em relação a esta situação, uma vez que destruir valores promove o surgimento de novos. O termo crise, no grego, quer dizer justamente isso: ir ao fundo de uma questão, ir à raiz de um problema, e quando se vai à raiz de um problema automaticamente se redescreve. Existe a possibilidade de redescrição com novos valores, ou seja, a crise é um processo de transição que promove um novo reencantamento do mundo, já que a própria crise é um sentimento de desencantamento. Então, o desencantamento que Bauman sente em relação ao amor está deixando de existir na opinião do Michel Maffesoli dando lugar a novos arranjos, novas complementariedades, novas formas de ver a vida, ou seja, é a visão otimista. Bauman tem uma visão pessimista,

visto que ele é um conservador neste aspecto. Ele critica justamente essa degradação dos valores que para ele é ruim, principalmente pelo movimento que ocorreu da Revolução pós-1968. Antes da Primeira Guerra Mundial a civilização estava baseada num capitalismo de acumulação onde os valores são basicamente sólidos dentro de uma cultura puritana de origem cristã. Esse caráter puritano sustenta aquilo que Max Weber chama de a ética protestante, o espírito do capitalismo. Isso, após a introdução da moderna sociedade de consumo, vai provocar uma constante degradação dos valores. São Michel Foucault, Jean Baudrillard e etc. que vão promover essa destituição dos valores modernos, teoricamente, para limpar o terreno e encontrar novos valores. Degradação apoiada também pelo movimento Woodstock, com Jim Morrison e o “amor livre” patrocinado na década de 60 e 70 com a juventude desse período. Para Bauman é a modernidade que se despede e ele lamenta essa despedida. Então o amor, como Bauman vê, tem um peso muito grande ao seu lado conservador. Você tem que contextualizar o autor com o espírito de seu tempo.

**Bauman diz também que o principal herói do livro é o relacionamento humano. Entretanto, o que ele discute é a fragilidade desse relacionamento diante do uso da tecnologia no cotidiano<sup>73</sup>. Não seria além de uma visão pessimista do autor uma forma de resistência às novas formas de relacionamento? Ou você acredita também que as relações estão realmente mais frágeis em função da tecnologia?**

**W.A.** - Eu acho é que as relações humanas sempre foram frágeis. As redes sociais apenas potencializaram essa fragilidade ou tornou isso mais evidente. Não que necessariamente as relações eram menos frágeis. Elas sempre foram frágeis e, às vezes, foram sustentadas por certo autoritarismo/conservadorismo da própria sociedade. Agora, tem o seu lado positivo e negativo, principalmente provocado pelo movimento da globalização. Ao mesmo tempo em que a globalização encurtou as relações, encurtou as distâncias, fazendo com que eu consiga ter mais relações, a qualidade das relações caiu. Num momento em que, por exemplo, dentro de uma rede como o Facebook<sup>®</sup> eu não tenha amigos, mas, como Bauman vai dizer, eu tenho contatos e automaticamente eu posso desconectar um indivíduo a hora que eu quiser, basta ele

---

<sup>73</sup> Para o autor, atualmente, o sujeito vive em um dilema, pois ao mesmo tempo em que quer se relacionar, “ansiando pela segurança do convívio”, ele não quer “estar ligado”, por essa condição apresentar encargos e tensões que o impeçam de viver sua liberdade plena, inclusive a de se relacionar.

me desagradar com uma opinião. De certa maneira, quando não existiam redes sociais, as coisas já funcionavam assim. Eu procuro pessoas que automaticamente são semelhantes a mim, que reafirmam as minhas convicções.

**No início de *Amor Líquido* Bauman faz uma afirmação: ele compara o amor à morte e diz que o amor é tão temível como a morte. Queríamos que você fizesse um comentário sobre essa afirmação.**

W.A. - Esse é outro conceito que é trabalhado por outro autor chamado Herbert Marcuse, que faz uma relação entre *Eros* e *Tanathos*. *Tanathos* é a morte e *Eros* o desejo. Freudianamente falando – ele está tirando esses termos de Freud – o desejo nos conduz de maneira determinista até a morte. Eu não acredito que seja assim, que o *Eros* necessariamente nos conduz a morte. Ele pode conduzir a morte ou não, pois não existe um determinismo de comportamentos humanos. Somente um néscio ou quem está no senso comum das pessoas que gosta de determinações. As determinações não existem, o que existem são comportamentos humanos diversos, dependendo das situações que cada um vive. Existem várias formas de amar, como: o amor obsessivo, ou um amor que automaticamente tem algo de patológico que pode conduzir a morte, o que na verdade não seria amor seria paixão e a paixão vem do grego *pathos*, daí o termo patologia (doença), ou seja, estar apaixonado, estar acometido por uma paixão é estar doente e por isso todo mundo teme a paixão, porque é um estado febril e passageiro. Diferente do amor, que tem a paixão dentro de si, mas tem algo de racional também, visto que há certo controle sobre esta paixão. Então eu acho que o amor não necessariamente conduz à morte.

**Bauman fala também a respeito da contradição dos sentimentos na nossa sociedade, e ele diz que nós queríamos um relacionamento sério – nos agrada a ideia de um relacionamento sério – segundo a visão dele, mas também nos seduz a liberdade de não estar preso a alguém. Você acha que o poliamorismo<sup>74</sup>, as pessoas que assumem**

---

<sup>74</sup> Apesar de não ser citado na obra de Bauman, o poliamorismo tem sido pauta na mídia e na academia, em especial na área jurídica, pelo novo arranjo familiar que propõe: uma relação consensual poligâmica duradoura. No Brasil, o primeiro relacionamento “poliamoroso” foi registrado em cartório em 2012. Além de uma forma de relacionamento, o poliamor tornou-se movimento em alguns países como Estados Unidos e já foi tema de livro da psicanalista Regina Navarro.

**relacionamentos sérios abertamente com mais de uma pessoa, se enquadram nessa definição humana?**

**W.A.** - De onde nasce esse conflito, essa contradição que você está apontando: entre liberdade – que por sua vez as pessoas querem ser livres –, mas ao mesmo tempo as pessoas querem se casar e ter um relacionamento sério? Simples. O casamento não foi concebido para ter individualidades. Então, lá dentro do período grego – quando se tinha a família grega –, tinha a lei do *pater familias* que é a lei do pai, quem manda na família. Os outros integrantes da família, seja mulher, escravos, crianças não possuem individualidades, não possui vontade. Elas estão submetidas à ordem do pai. Significa dizer que o pai tem poder de vida e morte sobre os indivíduos da família. A partir do século XVIII, que se inicia o processo do conceito de indivíduo onde, primeiramente, só os homens são indivíduos. É a partir do sufrágio universal, por exemplo, que as mulheres automaticamente passam a ser consideradas como seres individuais; automaticamente há um embate dentro dessa unidade que nós considerávamos família tradicional uma vez que o pai perde o seu poder, visto que ele não é a única individualidade. A mulher também passa a ser uma individualidade. Nesse momento a convivência se torna insuportável. As pessoas não querem abrir mão – acontece, então, o alto índice de divórcios -, pois as pessoas querem casar, mas não querem abrir mão da liberdade, não querem abrir mão de sua autonomia duramente conquistada em 100, 150 ou 200 anos. Como é que eu resolvo essa situação? Simples: poliamorismo. É a saída que o mundo pós-moderno tentar encontrar. A professora antropóloga Regina Navarro, que escreveu um livro chamado *A cama na varanda*, no Rio de Janeiro, diz assim: “O que é o poliamorismo? É justamente a possibilidade de eu viver relacionamentos sérios, mas sem abrir mão da minha individualidade uma vez que cada relacionamento que a pessoa tem, se detém apenas àquele aspecto que estamos de acordo”. Então, eu começo a agregar pessoas com competências e habilidades diferentes e que sejam relacionamentos sérios. Por quê? Porque Bauman, em *Amor Líquido*, vai dizer que na verdade a pós-modernidade quer fazer a “quadratura do círculo”, que é uma coisa impossível de se fazer. “Como que eu como o bolo e conservo o bolo?” Parece que tem uma contradição preeminente. Como se resolve essa contradição? Dando a cada o que lhe é devido. Acaba-se assumindo um relacionamento pluriamoroso ou poliamoroso e tem-se certa estabilidade nessa relação. A grande característica da pós-modernidade é estar baseada no conceito de indivíduo, e nenhum indivíduo quer abrir mão da

sua individualidade - e concebe o casamento como entrar numa gaiola – procura-se recriar, *transvalorar* um novo valor, que é o poliamor.

**Bauman comenta sobre como ter filhos hoje implica em uma série de privações e nos parece que ele ver como negativo esse planejamento que existe em torno da decisão de ter um filho<sup>75</sup>. O que você tem a dizer sobre isso?**

W.A. - De novo eu aponto o conservadorismo do Bauman, visto que você tem uma superpopulação que hoje cada vez mais cresce e que teria que rever totalmente essa questão. O planejamento familiar é uma condição *sine qua non* para pessoas, independente de classes.

**Bauman vai apresentando ao longo do livro nomenclaturas bem interessantes sobre o homem moderno, algumas como o *homo sexualis*. Ele fala também sobre o *homo consumens*, o *homo economicus* etc. Você poderia comentar essas classificações de Bauman.<sup>76</sup>**

W.A. - Todas elas estão relacionadas. Eu introduzi outro, que não é do Bauman é meu: o *homo pornograficus*, porque a modernidade necessariamente é pornográfica. Observe que existe uma relação entre Eros e pornografia. O Eros é justamente aquela coisa que está na penumbra e só mostra silhuetas. Agora o pornográfico é o explícito e o que se promove na modernidade, desde o surgimento da Ciência no início do século XVIII, é justamente a profanação do real, a secularização, o desvelamento, ou seja, a lua, que era inspiração dos poetas, deixar de ser sua inspiração para se tornar um satélite nas mãos dos cientistas com câions, com crateras de cometas, se retira toda a poesia. Se profanou, se secularizou e esse é um processo pornográfico. Nós como homens modernos e secularizados não podemos olhar para a *pornificação* da sociedade ou para o *homo sexualis*, ou para o *homo pornograficus*

---

<sup>75</sup> Para Bauman, atualmente, filhos são objetos de consumo emocional: “os filhos estão entre as aquisições mais caras que o consumidor médio pode fazer ao longo de sua vida” (p.60).

<sup>76</sup> No capítulo II do livro, Bauman apresenta algumas evoluções sociais do *homo sapiens*. O primeiro conceito é o *homo sexualis* que para ele trata-se do ponto de origem da cultura. “O sexo foi o primeiro ingrediente de que o *homo sapiens* foi naturalmente dotado sobre o qual foram talhadas distinções artificiais, convencionais e arbitrarias” (p.55). Em seguida, ele apresenta os conceitos de *homo consumens* e *homo economicus*, sob a mesma perspectiva de evolução social e cultural. O *homo economicus* seria o sujeito “autocentrado que persegue o melhor ideal e se guia pela escolha racional” (p.89), já o *homo consumens* é aquele que “comprador que adotou a busca pela melhor barganha como uma cura para a solidão e não conhece outra terapia” (p.89).

como algo ruim. Pelo contrário, isso faz parte do projeto moderno e a própria pós-modernidade é a conclusão da modernidade.

**Sabemos que a internet, assim como toda mídia que surge, é usada para diversos fins: bons ou ruins. Gostaríamos que você comenta-se também sobre os termos mixofobia e xenofobia, que o Bauman apresenta como aspectos dessa sociedade líquida conectada.**

**W.A.** - Como que nasce a xenofobia? A xenofobia nasce numa tentativa de determinados grupos preservarem suas tradições. É curioso isso, porque o xenófobo não é apenas aquele que discrimina o negro, o imigrante, o homossexual ou aquele que tem a moral que não necessariamente é aquela considerada correta, tradicional, mas sim duvidosa. Ele é xenófobo porque ele quer proteger os valores tradicionais que ele acredita. Então, países do norte da Europa hoje, por exemplo, que tem um bem estar social razoável, automaticamente, vendo a grande quantidade de imigrantes chegando, verão toda uma ameaça ao bem estar social que foi produzido e conquistado durante anos. Automaticamente eles vão querer expulsar o pessoal dali. Mas quando os grupos (minorias) querem lutar por seus direitos contra aqueles que, teoricamente, tiram esses direitos se tornam tão xenófobos quanto seus algozes. E nas redes sociais, o que mais se encontra são esses polos opostos. Ou seja, eu encontro os grupos das minorias, que tem a razão de reclamar dos seus direitos, que são constantemente atingidos, utilizando a internet como mais um método para cobrar esses direitos, que é tão reacionário, tão xenófobo quanto aqueles que os ameaçam. Essa polaridade se vê muito claro nas redes sociais, que se torna um lugar de preconceito. Mas não foi a rede social que fez isso, ela apenas potencializou.

**Comente sobre a mensagem de Bauman no livro Amor Líquido. O que você acredita que é essencial e pertinente refletir sobre o comportamento e as relações humanas?**

**W.A.** - Eu particularmente penso da seguinte maneira: abandonar qualquer tipo de moral. Não estamos mais em uma sociedade que possa garantir alguma forma de moral. A moral é uma construção humana. Nós não somos animais conscientes, não somos animais racionais, somos animais movidos por emoções, sentimentos, por uma potência de vida e cada um é cada um. Não existe uma pessoa igual à outra, não existe como universalizar o comportamento



humano. Logo, não há como julgar o comportamento do outro em hipótese alguma. O que pode haver, o que cada um deveria fazer, é tornar-se o que se é. Torna-se o que sua potência lhe diz para ser, e não pode ser discriminado, não pode ser – de nenhuma maneira – julgado socialmente por isso.